

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ZIGMAN BRENER
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistador - Zigman Brener (ZB)

Entrevistadores - Lisabel Spellet Klein (LK)

Data - 18/03/1992

Local - Belo Horizonte/ MG

Duração – 30min

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BRENER, Zigman. *Zigman Brener. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1992. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 10p.

Data: 18/03/1992

Fita 1 - Lado A

ZB - Vim prá cá em 1955, estou me transformando em decano da instituição. E isso o que eu tenho 37 anos de vivência aqui. Mas eu, você quer saber?

LK - Quero a sua história.

ZB - Está, eu me formei em 1953; e em 1954 eu fui prá universidade. Trabalhava com Parasitologia e trabalhava na universidade. Em 1955, quando a instituição foi criada e, por outro lado, o pessoal da Baixada Fluminense veio prá cá, o professor Amilcar me convidou, porque naquela ocasião a gente podia acumular as funções.

LK - Em setenta, não é?

ZB - É, [19]69. Eu estive trabalhando aqui fazendo pesquisa. Eu já havia trabalhado em parasitologia antes, como estudante eu me liguei a um pesquisador que eu não sei se você conhece, o José Pellegrino. Muito citado, é. E eu comecei trabalhando com ele no segundo ano de Medicina, então quando eu me formei, eu já tinha 20 trabalhos publicados, já tinha participado em congressos, eu nunca tinha tido contato com o professor Amilcar, e apesar disso ele me convidou prá ser assistente dele na universidade. Então essa coisa foi minha primeira atividade, o trabalho, e depois eu continuei trabalhando com o Pellegrino; e comecei em 1955, e fiquei com acumulação que era legal naquela ocasião, da universidade e do René Rachou, até 1969. Quando saiu a dedicação exclusiva na universidade, e aí o pagamento do salário da Universidade como sempre era muito baixo e eu pedi a dedicação exclusiva, mas continuei trabalhando aqui. Nós tínhamos um convênio, que existe até hoje, você deve ter ouvido falar, que é um convênio que funciona bem porque é informal, é mais democrático em termos de decisão, de mais do espírito do que a letra do convênio. E eu continuei trabalhando aqui o tempo todo até 1982, eu fiquei ligado só à universidade, eu fiz concurso prá professor catedrático, fiz o concurso muito cedo em 1984, eu era então catedrático e trabalhei aqui até 1982. Eu continuava trabalhando aqui, com o laboratório, dando aula na universidade; em 1982 eu me aposentei, com 53 anos (risos). Eu sou um dos precursores dessa vaga de aposentadoria.

LK - Pois é, mas o senhor nesse período dirigiu o Centro também?

ZB - Pois é, dirigi.

LK - E o vínculo era com a Universidade?

ZB - O vínculo era com a Universidade. E eu fiz uma grande besteira naquela ocasião porque quando o Villardo, em 1982 eu me aposentei, passei a ser, e fiz, não antes disso ele me, prá dirigir o centro eu ganhava uma gratificação, mas eu não era do quadro do ministério da Saúde. E eu tinha dedicação exclusiva, e aí eu achei que não era ético ter a gratificação da

universidade e a gratificação da Fundação, e eu abri mão da gratificação, da dedicação exclusiva, passei para 40 horas. Quando em 1972 eu tinha tempo prá me aposentar, o Villardo propôs que eu me aposentasse e eu seria contratado pela Fundação Oswaldo Cruz, foi exatamente em julho de 1982.

LK - Quando fecham os contratos, não é?

ZB - É, e aí eu fui contratado, mas eu não sabia; eu ignorava que a lei previa que a aposentadoria era com o regime em que você estava no momento. E eu já tinha muito mais de 10 anos de dedicação exclusiva e me aposentei com 40.

LK - Com 40%?

ZB - Horas. Resultou num aperto.

LK - Um aperto considerável.

ZB - Hoje em dia são 40, 50%, mas em compensação, eu passei a ser funcionário, e agora em julho eu faço 10 anos. Se você considerar que eu trabalhei de 1955 a 1969, são 14 anos, depois de 1982, agora são 10, 24 anos eu fui da casa mesmo.

LK - Informalmente.

ZB - Mas eu fiz toda a minha carreira científica aqui, e nisso aqui. Eu saí dessa área, agora é que eu fui prá uma área nova.

LK - Agora com essa hecatombe.

ZB - É, então essa é a trajetória no René Rachou, tenho 37 anos de profissão.

LK - O doutor [José] Pellegrino e o doutor Amilcar, todos eles têm uma trajetória meio semelhante. Primeiro eles estão na universidade, eles vêm pro instituto, e depois eles retornam à universidade, mas mantém o...

ZB - Exatamente.

LK - Porque os alunos inclusive vinham prá cá, não é?

ZB - Exatamente, eu mesmo orientei já 25 teses de mestrado.

LK - Aqui?

ZB - Aqui, é, no período em que eu era professor lá, no período em que eu acumulava, no período em que eu passei a trabalhar na pós e continuei a dar aula na pós-graduação, já dava aula na pós-graduação. Por exemplo, eu tinha dado aula na graduação, mas continuei dando aula na pós-graduação. Então eu acho esse convênio extremamente importante e inclusive em termos de não deixar haver uma “celecência”, é assim que se fala, da instituição, não é?

Por exemplo, a Antoniana [Ursine Krettlili], não sei se vocês conhecem, provavelmente... ela trabalhou no laboratório de malária, ela era bolsista, era estudante, se formou, fez toda a carreira dela como eu, aqui e dando aula na universidade e acostumada, porque eu acho que é uma coisa muito salutar.

LK - O doutor Lobato, ele tem uma trajetória um pouco diferente. Ele sai daqui e ele vai prá Fundação.

ZB - A trajetória no caso dele é o seguinte: o doutor Lobato mudou-se prá Belo Horizonte, por problemas de saúde, e ele trabalhava num prédio velho, que era mais ou menos um anexo da faculdade de Medicina, onde trabalhavam o Lobato, o Pellegrino e eu, quando era estudante. Trabalhei ali, fazia parte desse pequeno grupo. Isso na década de 1950, 1951 a 1953.

LK - O Luís Fernando inclusive veio fazer um curso aqui com o Lobato?

ZB - Exatamente, com o Lobato.

LK - Ele, o [José Rodrigues] Coura, e o Coura, não, o Agento, o Coura eu nem sei te dizer.

ZB - E o Lobato trabalhou nesse pavilhão, que era, tinha ligação com a Fundação SESP, mas depois essa ligação foi desfeita. Esse prédio foi demolido, houve um problema lá e ele foi contratado pelo SESP. Alugou-se uma casa prá ele, uma casa, mesmo, que foi adaptada para a criação de caramujo e eu acho que foi a melhor fase do princípio da esquistossomose.

LK - Agora ele tem uma casa.

ZB - O Pellegrino também teve o mesmo problema porque ele tinha que sair, e ele tinha que achar um lugar prá, cujo campo era Ribeirão Preto, mas aí já havia o Centro e ele foi requisitado pelo professor Amilcar e veio prá cá. E eu também, mais ou menos, na mesma ocasião, mas o Lobato veio posteriormente, quando o SESP desativou a fábrica.

LK - Ah, tá. Então essa é meio complicado. Nessa trajetória do Centro, o papel do professor Amilcar é absolutamente incontestável: ele arregimenta pessoas, ele traz pro Centro.

ZB - Não sei se você conhece a história pregressa da Fundação, isso está naquele ...

LK - Eu li...

ZB - Bom, que eu conheço, porque eu não vivenciei essa fase de criação propriamente dita, mas pelo que eu conheço de outras pessoas, o que acontece é o seguinte: eles trabalhavam com a esquistossomose e participou de um, duas pessoas, o Teixeira e o ..., depois eu me lembro, dois pesquisadores da organização sanitária, fizeram um encontro nacional de esquistossomose, que o professor Amilcar participou.

LK - Isso em cima de um método que tinha sido criado aqui, não é? De análise de?

ZB - É, era, era um método conhecido, mas que foi usado...

LK - É, que tinha sido adaptado.

ZB - É, prá... em massa.

LK - Em crianças pré-escolares.

ZB - Bom aí, o prédio, esse prédio que nós fomos, ele havia sido destinado prá ser exame de prevenção de doenças venéreas. O professor que tava nesse instituto era de uma origem um pouco obscura, talvez, mas estava previsto que fosse um centro de pesquisas prá prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Então através do prestígio dele ele convenceu as autoridades que valia a pena fazer não o Centro de Prevenção de Doenças, mas o prédio da esquistossomose..., e segundo o professor Hélio, ele conseguiu a alienação da ...

LK - Da área...

ZB - Da área física da prefeitura. O prefeito se não me engano era o Oswaldo Mourão Filho, e ele foi o fundador do Centro. Agora esse Centro foi fundado na época em que se tomou a decisão política de desativar o grupo que era do DENERu que trabalhava na Cidade das Meninas, e aí esse grupo foi trazido prá cá. Como o professor, cada professor catedrático da Universidade Federal de Minas Gerais, ele continuou aqui frequentando a, diretor (?). Então, dizer que o René Rachou foi o fundador, acho que não foi, como o René trouxe um grupo consigo, ele trouxe também a lealdade desse pessoal, e que eu não critico, mas que explica ao René Rachou é...

LK - É, porque o grupo que sai do Rio de Janeiro, sai primeiro porque há um problema de espaço...

ZB - Segundo a distância também, não é?

LK - É uma tristeza, não é? Pelo que conta o doutor [Ernest] Paulini era uma viagem prá chegar. Aqui ele e um grupo muito ligado à Entomologia, que é um grupo pequeno.

ZB - Exatamente, ele trabalhava com filariose, que é uma doença transmitida por mosquitos, não é? E ele então (...) o próprio René Rachou.

LK - Tinha o Evandro Chagas, que trabalhava também, que trabalhava na (...), tem algumas pessoas, bom, aí não tem essa área, tem o Roberto Milward, depois, tem...

ZB - Tem pessoas que foram trabalhar na OPAS, acho que duas pessoas passaram a trabalhar na OPAS.

LK - Tem um grupo grande, ele treina algumas pessoas, mais prá trabalho de campo, e eu estava querendo determinar o papel dele nesse tempo, mas como o papel muito mais de um administrador, de criar algumas condições, do que um papel mais de condução na área científica, eu tenho impressão que...

ZB - É, ele, a definição que eu daria é o seguinte: é que ele era um sanitarista, mas uma parte dos sanitaristas. Ele era sanitarista que ia ao campo, fazia muita investigação epidemiológica, o tipo de prevalência, incidência, morbidade, estudo dos vetores, das pessoas infectadas, fazia o controle, esse tipo de coisa, mas ele não era um...

LK - Não era um pesquisador.

ZB - Não era um pesquisador de laboratório, mas um sanitarista com um trabalho epidemiológico.

LK - Muito mais no estilo da Fundação SESP?

ZB - Exatamente.

LK - De controle...

ZB - Mas um pouco mais, porque o SESP era sempre, foi uma instituição da área de serviços, e ele tem um número bastante bom de trabalhos, de publicações, trabalhos publicados na revista de Malariologia naquele tempo, não é? Não tem a, mas tem uma fase importante.

LK - Bom, o campeão do René Rachou na instituição, na produção científica e biomédica a nível estadual e nacional. Como é que o senhor vê isso, no tempo? Há um crescendo? Eu acho que agora o Instituto tem um reconhecimento muito maior ou não é assim?

ZB - Não, eu acho que o Instituto teve a sorte de ter ao longo dos anos, a sorte de ter alguns chefes de pesquisa, vamos dizer, pessoas mais experientes, que tinham vindo prá cá, não no período em que estavam em formação, mas com uma bagagem científica, não é? Então eu acho que é claro, nos primórdios era muito o trabalho do [René] Rachou, do [José] Pellegrino e tal, mas depois nós tivemos, o [Wladimir] Lobato Paraense, o Amilcar Vianna Martins, outras pessoas, tivemos o próprio [Ernest] Paulini que começou a fazer uma coisa que muito pouca gente fazia aqui. O Rachou mesmo, que mais que havia, o Schreiber, que era um professor da universidade... deixa eu ver se eu me lembro mais... não, é só.

LK - Tem o trabalho muito de um fotógrafo, não é?

ZB - Isso exatamente, a documentação científica.

LK - O seu Wolf.

ZB - O seu Wolf, que era um exilado judeu alemão, que não era fotógrafo profissional, e nunca sentiu-se como fotógrafo. Conversando ele era da Alemanha, ele era de uma indústria clássica de charutos, e com a perseguição dos nazistas ele pediu exílio prá cá e sempre gostou de fotografia. Ele era um desses fanáticos pela Leica, eu tenho uma também. Então, ele se considerava como o único que fazia documentação científica, apesar de que ele trabalhava numa casa, chamada Casa da Lente, onde ele fazia revelações, cópias etc. e não era um trabalho. Tem gente que achava que ele não podia executar, mas sempre foi um trabalho

muito razoável, e foi o Lobato (?) prá ele se aposentar, chamava Casa da Lente, e ele veio prá cá e montou-se uma espécie de departamento prá ele. E ele realmente foi muito importante, ensinou muita gente. Então, eu acho que o segredo disso tudo é ser um instituto pequeno, sabe. Eu acho que o sucesso eu considero duas coisas: primeiro é ser pequeno, eu acho que a vocação dele é ser pequeno, e segundo essa interação com a universidade.

LK - A minha pergunta é a seguinte: porque que o Instituto René Rachou se distancia dos outros institutos? Porque a Fundação tem mais dois, mas o René Rachou, eu acho que ele tem uma característica ...

ZB - Bom, primeiro eu acho que ele tem a vocação de ser pequeno. Segundo, ele sempre foi fiel à vocação de estudar algumas doenças parasitárias e não espriair demais seu espectro. Aqui sempre se estudavam as endemias mais importantes: Chagas, esquistossomose, malária e leishmaniose; então, ele não se deixou iludir pelo crescimento, não é? Eu acho que e a ligação com a universidade, e liderança intelectual, quer dizer, você tinha algumas pessoas que comandavam o laboratório daqui e nós sempre tivemos um organograma, nós sempre... nunca criamos os laboratórios quando nós tínhamos o pessoal bem dotado. Acho que essas coisas simples.

LK -Essas doenças são muito ligadas ao estado de Minas Gerais, não é?

ZB - É verdade. Eu acho que no princípio esse foi um fator que funcionou. O professor Amilcar, por exemplo, fazia sempre trabalho de campo, trabalhou muito. Em todas as áreas que ele trabalhou, ele sempre trabalhou com esquistossomose, Chagas; o Lobato fez o levantamento malacológico em todo continente; o Pellegrino, ele passou a trabalhar muito com micrografia, mas ele é um sujeito experiente, ele tinha uma ligação muito grande com o estado por causa de Bambuí, não é? Ele trabalhou, o Pellegrino pertenceu ao grupo que fez, era exatamente o Emanuel Dias, o Bernardo, o Nóbrega e o Pellegrino, o Laranja e eu era estudante nessa ocasião, mas eu trabalhei em Bambuí. E eu acho que essa ligação sempre houve com os problemas do estado e depois que eu fui trabalhar com leishmaniose, minha tese de doutorado é sobre leishmaniose visceral, em Minas Gerais, nós trabalhamos muito com leishmaniose, eu gosto muito de trabalhar. Agora, com o tempo, foi continuando a fazer trabalhos de epidemiologia, mas também ele foi influenciado por essa vaga que deriva da nova Biologia, que inaugurou na década de [19]70, Biologia molecular. Então as pessoas evoluíram um pouco mais sofisticado pro laboratório... eu diria que no começo quase todo mundo estava ligado ao trabalho de campo, experiência de campo.

LK - Mas esse crescimento, essa mudança, do trabalho de campo, trabalho epidemiológico, prá uma outra área, ela se dá através da liderança intelectual, não é?

ZB - Eu acho.

LK - Ela só pode se dar por aí, talvez explique porque que o René Rachou é tão diferente...

ZB - É, uma coisa que... grande; uma porção dessas pessoas tinha uma formação médica, tinha uma visão mais global da doença. Eu acho que isso também deve ter influenciado, é uma coisa que está desaparecendo, você não tem mais...

LK - É a especialização?

ZB - É, a especialização muito estreita, não é? Então, somando, o instituto teve sempre uma boa reputação.

LK - Ele se destaca.

ZB - É, ele se destaca.

LK - Uma coisa que eu estava pensando, que a gente trabalhar com ciências em geral... o Instituto René Rachou, e nós estávamos pensando em trabalhar desde o Ezequiel Dias, da criação do Instituto, que era uma filial do Instituto Oswaldo Cruz. Tem toda uma filosofia desse instituto, que ele é muito ligado ao que Manguinhos fazia, como Manguinhos pensava a ciência. Tem um relato que é do próprio professor Amilcar, ele diz, não, tinha-se uma biblioteca com as últimas publicações europeias, tem toda uma coisa que ela vem de Manguinhos, e eu não sei se...

ZB - Até que veio um diretor e mandou queimar todos os livros velhos visando o moderno, a modernidade. Isso o professor conta também, não é? Eu acho que o Ezequiel Dias foi o precursor, não é? Um dos primeiros lugares onde o professor Amilcar trabalhou com tifo exantemático, com animais peçonhentos, trabalhou em Chagas, antes, na década de 40, depois Bambuí, também.

LK - Era outra coisa! A faculdade de Medicina, ela é criada a partir de reuniões na casa do Ezequiel Dias, que conversa com um grupo de médicos que tinha vindo se tratar, é um pouco essa versão...

ZB - Aliás se você quiser, eles têm um centro de memória lá na Faculdade de Medicina.

LK - Tem centro de memória aqui?

ZB - É, sobre essa parte.

LK - É, que eu estava procurando um pouco essa outra coisa, porque eu acho que isso tudo faz com que ...

ZB - Faz com que seja realmente condicionante.

LK - Prá esse instituto, que ele tem a característica que tem, ele se formou, as pessoas dentro de uma visão, de uma filosofia?

ZB - Bom, se mencionava o Carlos que já tinha passado lá por Bambuí tanto tempo; depois veio prá cá, era epidemiologista.

LK - Trabalhou com o Laranja, trabalhou com o Laranja. Bom, na atualidade, na atualidade não; ainda no seu período de atualidade não porque a gente estava falando de um tempo atrás,

na sua gestão no René Rachou. Como é que se davam as relações com a Fundação Oswaldo Cruz, com o instituto?

ZB - As relações eram muito difíceis, sabe? O Villardo tinha um ...

LK - Por que foi o período do Villardo, não é?

ZB - É, foi o período do Villardo. Não primeiro foi o período do Vinícius.

LK - É, começou com o Vinícius. Eu tenho uma concepção do Vinícius que eu não sei se é partilhada por muita gente, mas eu acho que a virada do Instituto, da Fundação Oswaldo Cruz foi feita pelo Vinícius. E a segunda que pensa como eu, sem fazer juízo de valor, eu acho que é o Villardo. Ele era um economista: não era um pesquisador, e que não tinha medo de gastar dinheiro. Nenhum pesquisador seria capaz de pedir uma verba. Eu acho que agora isso está mais vulgarizado, não é? Mais banalizado, pedir milhões de cruzeiros, dólares... naquela ocasião não havia isso, havia muita gente capaz de pedir uma verba prá mudar toda estrutura de água, luz, telefone e gás, e não sei o que etc., e povoar aquilo. Eu acho que aquilo é um mérito grande. Eu acho que a coisa se inicia lá, mas as nossas relações nunca foram muito estreitas com a Fundação por distância geográfica, pelo estilo deles, dos presidentes, tudo isso.

LK - Bom, isso numa área mais administrativa...

ZB - É.

LK - E técnica?

ZB - Técnica, nós nunca tivemos muita ligação com o pessoal. Eu diria que até hoje nós não temos muita interação técnica, de tocar projetos.

LK - Isso não faz falta?

ZB - Eu não saberia dizer, quer dizer, acho que muito pouca interação... eu sei que, por exemplo, há a parte de interação com esquistossomose, mas os demais são muito poucos os trabalhos. Você vê que as interações sempre foram, ao meu ver, acho que fundamentalmente administrativas e econômicas. A interação do trabalho eu acho que é muito tênue.

LK - Porque o Centro passou a ser uma unidade, mas inicialmente ele estava ligado ao IOC, e tinha uma estrutura, ele tinha uma vinculação direta ao IOC, ao instituto e agora, depois de um pouco da trajetória da Fundação, ele passa a ser uma unidade técnica.